

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημαίνεται ἡ ἀνάγκη τῆς ἐπιμέλειας τῆς ἐπιγραφῆς  
καὶ τῆς ἀνάγνωσης τῆς ἐπιγραφῆς  
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

**ESTHER PONS MELLADO**, *Terracotas. Catálogo del Museo Egipci de Barcelona*, 1, Barcelona: Fundació Arqueològica Clos, 2008, 56 pp., ilustrado. ISBN 978-84-932007-8-7

Depois de, em 1995, Esther Pons Mellado ter estudado e publicado o interessante acervo de terracotas egípcias do Museo del Oriente Bíblico do Mosteiro de Montserrat, nas vizinhanças de Barcelona, e ainda o acervo congénere do Museu Arqueológico Nacional, em Madrid, oferece-nos agora esta egiptóloga espanhola o catálogo das terracotas egípcias do Museu Egípcio de Barcelona (de seu nome oficial o Museo Egipci, que é tutelado pela Fundação Arqueológica Clos). Da primeira obra referida, agora já com quase vinte anos, foi feita uma resenha que saiu publicada na revista *Cadmo* 6/7 (*Terracotas Egípcias de Época Greco-Romana del Museo del Oriente Bíblico del Monasterio de Montserrat*, pp. 181-183).

A Autora, doutorada em Egiptologia (e que tem colaborado com a revista *Cadmo*), é conservadora do Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu Arqueológico Nacional e integra a Missão Arqueológica de Oxirincos (El-Bahansa), dirigida pelo Professor Josep Padró, da Universidade de Barcelona, e que nos últimos anos tem revelado à comunidade científica e ao público em geral importantes achados no local.

A obra que aqui apreciamos está organizada como um catálogo bilingue, com as páginas pares apresentando o texto castelhano e as ímpares a versão em inglês, abrindo com um prefácio que constitui uma apresentação institucional assinada por Jordi Clos Llombart, presidente da Fundação Arqueológica Clos (pp. 6-7).

Segue-se uma breve introdução ao núcleo das terracotas egípcias da Época Greco-romana pertencentes ao Museu Egípcio de Barcelona, sublinhando a Autora que se trata de uma das mais importantes coleções privadas do género existentes em Espanha (p. 10), as já mencionadas coleções de terracotas do Mosteiro de Montserrat e do Museu Arqueológico Nacional e ainda as da Real Academia de Córdoba e Fundação Cristóbal Gabarrón.

Depois o leitor beneficia da leitura de uma «Aproximación histórica» (pp. 10-12), que lhe permitirá contextualizar a produção destas típicas figurinhas desde a chegada de Alexandre, em 332 a. C., até ao século IV d. C., quando o cristianismo se vai implantando solidamente no Egito. As áreas de produção das terracotas foram principalmente Mênfis (de onde são oriundas as peças mais antigas, datadas da XXVII dinastia de reis persas), um centro de olaria que veio a influenciar as oficinas de Alexandria, já no período ptolemaico (mais de timbre grego que egípcio), e as do Faium, as quais mostram uma

curiosa simbiose cultural entre as formas clássicas do mundo greco-romano e as autóctones (Época Greco-romana). Quanto à sua finalidade, elas podiam decorar as habitações ou ser usadas como brinquedos, podendo ainda ser oferecidas em santuários e templos a diversas divindades, e também, seguindo as milenares tradições do país do Nilo, ser depositadas nos túmulos.

Sendo essencialmente objetos com um forte caráter popular, as terracotas figurando divindades, animais sagrados ou outros exemplares da variada fauna nilótica, recipientes e lucernas, entre outros modelos, não ofereciam grandes dificuldades na sua produção, até porque a matéria prima era abundante: a argila colhida nas margens do Nilo, a qual tinha virtualidades coroplásticas. Obtida a pasta com a indispensável porosidade e ductibilidade, produzia-se a forma desejada com afeição manual ou com a utilização de moldes (e na p. 12 mostra-se um molde de terracota para a produção de efígies do popular deus Bés, lembrando a que existe no acervo do Museu Nacional de Arqueologia para o fabrico de amuletos, neste caso com a figura do popular Bés em corpo inteiro).

Embora hoje muitas das antigas cores tenham desaparecido, sabe-se que em geral os objetos de terracota eram pintados sobre uma camada branca que cobria a peça depois da modelação, sendo usados o vermelho, o preto, o verde, o azul e o amarelo. Seguia-se a cozedura, a qual variava no tempo utilizado e nos graus, podendo ir dos 700° a 900° em função da qualidade de acabamento que se desejava (p. 14). Não é possível saber ao certo quem foram os produtores e os encomendadores destas peças tão típicas da Época Greco-romana, sugerindo a Autora que eles pudessem ser estrangeiros radicados no país ou então egípcios helenizados, lembrando que coexistiam tipologias claramente gregas e romanas a par de velhas formas egípcias.

Quanto à iconografia que se pode detetar no acervo do museu catalão, encontramos divindades bem conhecidas como Harpócrates (ou Hórus Criança – Horpakhered na forma egípcia), Osíris e a sua esposa e irmã Ísis, e o apotropaico Bés, acima referido. Não faltam nas terracotas da época figurinhas representando animais, como o cão, o cavalo, o touro, o leão, o crocodilo, a serpente, entre outros, embora na coleção só exista uma figuração do boi Ápis e um cão, a que podemos juntar uma esfinge leonina. E se bem que não estejam representados neste pequeno acervo, convém recordar que eram muito variados os géneros solicitados pela clientela da época, desde atores, atletas, anões, camponeses, dançarinos e orantes, além de figuras femininas com vasos e cestos com fruta, ou tocando instrumentos musicais e por vezes em poses de dança. Haveria ainda que juntar outro tipo de figurinhas que a Autora não refere: os grupos eróticos ou pornográficos,

que são obras caricaturais apelando ao riso ou então produzidos como objetos propiciatórios de potência e de bom desempenho sexual, e onde se pode verificar, em certos exemplares com homens e mulheres em atividade amorosa, que continua presente a velha regra cromática do castanho escuro para o homem e castanho claro para a mulher.

O jovem deus Harpócrates está representado por quatro figurinhas, três delas com a típica iconografia do dedo indicador na boca e com cabeça coroada (a coroa *atefu* ou outra com as altas plumas *kachuti*) e outro exemplar com a tradicional madeixa juvenil caindo da cabeça sobre o ombro direito (pp. 26-31).

A deusa Ísis surge em sincretismo com a helénica Afrodite numa figurinha cujas fotos a mostram desnudada, de frente e de costas, mantendo as mãos junto das coxas, e uma compósita coroa sobre um penteado complexo com madeixas de cabelo entrançado caindo sobre os ombros (p. 32-36), seguida por uma cabeça da mesma deusa com o mesmo tipo de penteado e de coroa, notando-se melhor neste caso a presença de uma pequena cornamenta liriforme envolvendo o disco solar (pp. 36-37).

Podendo ser visto em muitos acervos, incluindo em Portugal, o simpático deus Bés aparece aqui travestido em guerreiro, empunhando um gládio, uniformizado de legionário e com um escudo protetor do lado esquerdo, juntando-se ainda uma cabeça de Bés com a sua característica barba-juba e o início da coroa com elevados penachos (pp. 38-41). O mesmo deus Bés está figurado como personagem secundária diminuta ao lado de um jovem com manto sobre o ombro esquerdo (e que, salvo melhor opinião, poderá ser Harpócrates), num conjunto onde se nota ainda vestígios de cor verde, preto e vermelho (pp. 42-43).

O exemplar que representa um vaso canópico, rematado com uma cabeça jovem de Osíris coroado, numa complexa iconografia que mostra o toucado real *nemsit* (*nemés*) encimado por uma cornamenta de carneiro, o disco solar e altas plumas *kachuti*, é bastante melhor que o seu congénere existente na coleção egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto. Em todo o caso, ambos os exemplares permitem chamar a atenção para o tradicional erro de chamar «vasos canópicos» aos típicos quatro vasos destinados a conter as vísceras dos defuntos, quando a expressão deve apenas ser reservada para este tipo de vaso cerimonial usado no culto de Osíris (pp. 44-45), feito na cidade de Canopo.

Registemos finalmente uma cabeça do boi Ápis, animal sagrado evocativo do deus Ptah de Mênfis, com um disco solar e uma serpente sagrada (*iaret*) entre uma cornamenta estilizada (pp. 46-47), uma esfinge feminina deitada sobre um soclo (pp. 48-49), um cão deitado sobre um soclo (p. 50) e uma

cabeça masculina muito erodida mas onde ainda se percebe uma madeixa de cabelo no lado direito (p. 51).

Merecem destaque, pela qualidade pedagógica e esclarecedora da informação que ao leitor é aqui facultada, as pp. 52-53, apresentando «la transformación del pasado» que a coleção catalã pode proporcionar: às imagens de tradicional iconografia egípcia de bem conhecidas divindades fazem-se corresponder, em imagens paralelas, as novas propostas greco-romanas habitualmente presentes neste tipo de conjuntos. É o que se pode ver com as representações de divindades como Osíris, Ísis, Bés, Harpócrates, que foram alvo de intenso culto na Época Greco-romana, além das figuras esfíngicas e do boi Ápis.

Embora este interessante acervo de terracotas do Museu Egípcio de Barcelona não seja numeroso, ele tem o mérito de, juntando-se a outros idênticos conjuntos de outros museus espanhóis, públicos e privados, contribuir para aumentar o total de peças egípcias do país vizinho, vindo a dar um apreciável número de exemplares da Época Greco-romana feitos de terracota. Um facto porém chama a nossa atenção: é que tanto no acervo catalão estudado por Esther Pons Mellado como noutros que acima foram referidos desconhece-se o contexto arqueológico da sua descoberta, o que também se passa com os seus congéneres existentes em coleções portuguesas.

***Luís Manuel de Araújo***

***Hapi***, 1, Lisboa: Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, 2013, 158 pp. ISBN: 978-972-592-399-3

Foi lançado recentemente o primeiro número da revista *Hapi*, editada pela Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, que viu em boa hora a luz do dia com o apoio de várias entidades, sendo justo aqui destacar a Fundação Calouste Gulbenkian (na altura presidida pelo Dr. Emílio Rui Vilar) e a Fomentinvest (com o empenhamento pessoal do seu presidente, Eng. Ângelo Correia), aos quais se juntam os contributos da APOR (Associação Portuguesa de Orientalismo) e do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A avaliar por este número inicial, o seu diretor Telo Ferreira Canhão, que é vice-presidente da direção da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, irá continuar a beneficiar da eficácia do secretariado, composto por Maria José de Albuquerque e Alexandra Diez de Oliveira (que também fazem parte da direção da ACAPE), e do conselho de redação, que ele integra juntamente com os egiptólogos Luís Manuel de